

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA
E HISTÓRIA NACIONAL

ELTON LUIZ CAXAMBÚ

JUÍZOS INCERTOS EM *UMA ESTÓRIA DE AMOR*

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA

2014

ELTON LUIZ CAXAMBÚ

JÚÍZOS INCERTOS EM *UMA ESTÓRIA DE AMOR*

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de especialista em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento Acadêmico de Comunicação e Expressão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Ms. Zama Caixeta Nascentes

CURITIBA

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

JUÍZOS INCERTOS EM *UMA ESTÓRIA DE AMOR*

Por

ELTON LUIZ CAXAMBÚ

Esta monografia foi apresentada às _____ do dia _____ como requisito parcial para obtenção do título de ESPECIALISTA EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL, do Departamento Acadêmico De Comunicação e Expressão, Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho _____

(aprovado, aprovado com restrições, ou reprovado)

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná

Universidade Tecnológica Federal do
Paraná

Curitiba, _____ de _____ de 2014.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Zama por me mostrar o caminho a trilhar para realizar este trabalho, desde a escolha do tema à finalização. Suas aulas foram uma porta de entrada para o mundo da filosofia.

Agradeço também aos meus colegas de turma e a todos os professores que lecionaram nesta especialização.

Em especial, agradeço a minha namorada Fernanda Vargas, que em todos os momentos esteve ao meu lado, sempre me apoiando e me entendendo nos momentos mais difíceis.

“Seria a virtude coisa vã e frívola, se à
glória pedisse recompensa”
Michel de Montaigne, 1972

“Um espírito isento de preconceitos é uma
vantagem preciosa para a nossa
tranquilidade”
Michel de Montaigne, 1972

“Regra às bostas”
João Guimarães Rosa, 1994

RESUMO

O presente projeto de trabalho de conclusão de curso tem por objetivo a análise literária do conto *Uma estória de amor*, pertencente ao livro *Corpo de Baile*, escrito por João Guimarães Rosa. A análise será realizada com base em ensaios filosóficos de Michel de Montaigne que tratam do tema da incerteza e inconstância do ser, dos juízos e das ações. Visa interpretar os juízos dos personagens do conto, principalmente, os juízos de Manuelzão, o personagem principal. Demonstrar-se-á a falta de critérios sustentáveis, como motivo, da construção de juízos. Para tanto é importante analisar as ações, pensamentos e prováveis motivos, para a emissão de juízos, revelando assim seres contraditórios e inconstantes. Dentre os critérios será explorada a questão da busca dos personagens pela glória e manutenção dos costumes. O estudo será realizado por meio de pesquisa bibliográfica. O trabalho se justifica por sua utilidade nos meios acadêmicos como fonte de pesquisa, ou pela curiosidade de leitores que desejam desvendar os mistérios contidos nos contos de Guimarães Rosa, em especial, *Uma estória de amor*. Além disso, fornece um material de aplicação dos conceitos filosóficos de Montaigne a textos literários.

Palavras-chave: Juízos. Inconstância. Incerteza. Glória. Costumes. Ações.

ABSTRACT

This final grade study aims to analyze the literature short story *Uma história de amor*, that is in the book *Corpo de Baile*, written by João Guimarães Rosa. The analyze will be done based on Michel de Montaigne *Essays*, that discusses the issues of uncertainty and inconsistency of being, the judgements and actions. Aims to interpret the characters judgments in the story, especially Manuelzão judgements, the main character. The study will show the lack of sustainable criteria such as reason in judgments construction. Therefore, it is important to analyze the actions, thoughts and probable grounds to emit judgments, thus revealing contradictory and inconsistency beings . Among the criteria, it will explore the question of the pursuit of glory and the maintenance of customs. The study will be conducted by literature sources. This research is justified by academy use as a research resource, or by readers curiosity, who wish to figure out the Guimarães Rosa's short story misteries, in particular, *Uma história de amor*. Moreover, this study will provide a material for the application of philosophical concepts from Montaigne to literary texts.

Key words: Judgements. Inconsistency. Uncertainly. Glory. Costumes. Action.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 JUÍZOS INCERTOS EM <i>UMA ESTÓRIA DE AMOR</i>	10
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	28

1 INTRODUÇÃO

João Guimarães Rosa escreve a obra *Corpo de Baile*. O título sugere dança, música e movimento. A dança, a música e o movimento das palavras que formam histórias em que personagens, espaço e tempo se entrelaçam, compondo belas peças de arte. A música pode levar a pensar na poesia da linguagem empregada na obra; a dança, na sintaxe intrincada, mas ritmada; já o movimento envolve a dança, e o ritmo, mas também a mudança, a inconstância, tema recorrente em toda a obra.

Corpo de Baile é composto, em sua totalidade, por sete novelas, ou contos, inicialmente divididos em dois volumes, e depois em três volumes. Estas divisões aconteceram devido à extensão, que na 1ª edição, somaram 822 páginas. São extensas e densas histórias, ou “estórias”, como o próprio Guimarães Rosa fazia questão em classificá-las, para diferenciar da “história” que se refere à historiografia. Foram publicadas em 1956, ano em que também foi publicado o primeiro e único romance do autor: *Grande Sertão: Veredas*.

Dentre as histórias de *Corpo de Baile*, a que será estudada e analisada é *Uma estória de amor* ou *Festa de Manuelzão*. Esta novela, a partir da 3ª edição, compõe o volume independente intitulado *Manuelzão e Miguilim*.

Pretende-se analisar *Uma estória de amor*, principalmente, focalizando o “movimento” de seu personagem central, Manuelzão. Um homem que percebe a proximidade da morte e, durante uma festa, que ele mesmo promove, passa a pensar sobre o seu passado, presente e futuro. Esses pensamentos são permeados por reflexões e questionamentos que ele faz sobre as suas ações e juízos. Manuelzão busca entender o que foi, o que é, e o que será. Entretanto, outros personagens também serão analisados e são de grande importância para o estudo, pois são agentes que praticam ações e emitem juízos, bem como são alvos de juízos emitidos por Manuelzão.

Desse modo, o olhar das análises será direcionado para a questão dos juízos que os personagens formulam. Porém, estes juízos estão ligados e são afetados, também, pela inconstância do ser, ou seja, os personagens não são as mesmas pessoas em todos os momentos de suas vidas. Assim sendo, procurar-se-á saber se os seus juízos também não permanecerão os mesmos, para os mesmos fatos, ou semelhantes, em momentos diferentes de suas vidas.

Além de analisar os juízos e ações dos personagens, será estudado como o próprio personagem se percebe como ser mutável e contraditório. Isto apenas poderá ser realizado sobre Manuelzão, pois é o único que se revela no conto como alguém que questiona suas atitudes, modos de ver e de pensar o mundo.

Os textos do filósofo Michel de Montaigne, que conceituam e argumentam sobre os assuntos propostos neste trabalho (juízo e inconstância) serão a base teórica. O principal ensaio é *Apologia de Reymond Sebond*. Os demais são: *Da incerteza dos nossos juízos*, *Da incoerência de nossas ações* e *Da glória*. Os textos estão localizados no livro intitulado *Ensaaios: Livro Primeiro, Livro Segundo e Livro Terceiro*.

A filosofia de Montaigne não segue dogmas, apesar de ele ser católico e de defender a sua religião. Seus pensamentos refletem um homem que busca o conhecimento racional e livre de ideologias, na medida em que isto é possível.

Em seus ensaios Montaigne define o homem como um animal. Diferentemente da visão de senso comum que se refere ao homem como ser superior, Montaigne o classifica como um animal como os demais. Porém considera o humano como um animal atormentado e que isso decorre da capacidade de pensar e da presunção que tem de sua Inteligência. Classifica a curiosidade e o desejo de aumentar a ciência como a causa da danação humana. O orgulho como algo que o corrompe (MONTAIGNE, 1972, p. 235).

Os juízos humanos são incertos, pois não é possível, segundo Montaigne, que se julgue algo de maneira única. Desse modo, um mesmo objeto pode ser julgado de maneiras diferentes, ou até, pode receber juízos opostos. Isto se deve à falta de critérios absolutos para se julgar, ou seja, para que exista um juízo absoluto, este deveria seguir uma única verdade. A verdade, segundo Montaigne, não pode ser atingida. A verdade apenas existe em Deus, e Deus não pode ser compreendido pela mente humana. Desse modo pondera Montaigne (1972, p. 242):

Haverá coisa mais vã do que tentar adivinhar Deus por meio de analogias com o nosso próprio ser? Do que O julgar, e ao mundo, pelas nossas capacidades e as nossas leis? Do que usar a expensas d'Ele a escassa inteligência que Se dignou a conceder-nos? E em não podendo a nossa vista atingi-Lo na plenitude de Sua glória, forçamo-Lo a descer

Segundo o excerto de Montaigne, julgamos o mundo com base em nossos sentidos, e somos a referência para os julgamentos que emitimos. Nossos sentidos não são absolutos, isentos de erros, segundo Montaigne (p. 278): “Quanto ao erro e à incerteza das operações dos sentidos, não faltam exemplos à mão, tão abundantes são essas falhas e ilusões”. Decorrente disso, não existe juízo absoluto, pois é fruto do que se percebe pelos sentidos. Conforme afirma Montaigne (p. 276): “sendo o julgamento ato de quem julga [...] Ora, esse conhecimento chega-nos pelos sentidos [...] por eles se inicia a ciência e com eles se afirma”.

Sendo assim, os critérios para se adotar um juízo não são sustentáveis, pois, sempre poderá haver outro critério que desclassifique o primeiro. Disso decorrem as contradições, a inconstância e a incoerência dos juízos, gerando ações incoerentes.

Um dos critérios de construção de juízos que será evidenciado no estudo do conto é a busca da glória. Nessa busca, e por essa busca, juízos são emitidos e ações são tomadas. A glória e suas implicações são conceituadas por Montaigne no ensaio, *Da Glória*. Outro critério de juízos que serão encontrados na análise do conto é a manutenção de costumes. Montaigne discorre sobre este assunto no *Apologia de Raymond Sebond*.

Manuelzão é humano. Personagem com hábitos severos. É um homem bruto que se previne contra os prazeres e censura-se quando almeja buscá-los ou experimentá-los, e exalta o trabalho árduo. Homem que carrega consigo o peso da moral, a permanência da tradição e dos costumes. Com a falta do dono da propriedade, ele é o chefe, e precisa dar o exemplo. Um homem que busca a glória e benefícios que dela decorrem como o reconhecimento, o poder e o dinheiro. Desse modo, será verificado se os julgamentos de Manuelzão possuem critérios sustentáveis. Manuelzão emite julgamentos inconstantes e contraditórios? Manuelzão, apesar de sua retidão perante a população local, agiria por impulso e, desse modo, cairia em tentação? Ele teria consciência da falta de critérios sustentáveis para suas ações e juízos? O que o levaria a chegar a tais conclusões? São essas as perguntas que se pretenderá responder. Os mesmos critérios de análise serão adotados para os outros personagens conforme as possibilidades de cada um.

2 JUÍZOS INCERTOS EM *UMA ESTÓRIA DE AMOR*

Manuelzão, o personagem em volta do qual toda a história se desenrola, revela-se desde o início da narrativa como um homem judicioso, ou seja, um homem que a todo o momento exprime suas opiniões sobre o que acontece na região e sobre si mesmo.

Os juízos serão analisados buscando-se encontrar os motivos, ou causas, se existirem. Desse modo procurar-se-á entender quais os critérios utilizados para a tomada desses mesmos juízos, ou melhor, será feito um esforço em demonstrar a falta de critérios sustentáveis. Desse modo, antes de iniciar o ataque aos juízos propriamente ditos, será realizada a análise das motivações de Manuelzão para a emissão de seus juízos. Além disso, será desenvolvida, já no início, a interpretação de Manuelzão como ser inconstante. Como também serão apresentados e articulados alguns conceitos de Montaigne que se relacionam às motivações, aos juízos e às ações e ser inconstantes. Depois disso os juízos serão analisados com mais profundidade, até o fim do presente capítulo.

De acordo com Michel de Montaigne os juízos humanos não são absolutos, pois, para um mesmo objeto, diferentes juízos podem ser emitidos. Eles podem ser originados pela mesma pessoa ou por pessoas diferentes. “Quantas vezes julgamos diversamente as coisas? [...] Se tantas vezes fui traído por meu julgamento, se essa pedra de toque é em geral defeituosa [...] que garantia a mais posso ter dessa vez?” (1972, p. 265). Os critérios que se adotam para emitir juízos podem ser diferentes, desse modo nenhum critério é absoluto. Os juízos estão sujeitos a escolhas incertas. Além disso, não é possível que se atinja a essência das coisas, desse modo não sabemos distinguir o certo do errado, conforme afirma Montaigne (1972, p. 264):

Mas como podem admitir a verossimilhança se ignoram o que seja a verdade? Como saber se uma coisa se assemelha a outra cuja essência desconhecemos? Ou podemos emitir um juízo preciso ou não o podemos absolutamente [...] Se falta a base de nossas faculdades intelectuais [...] se flutuam ao sabor dos ventos, nosso juízo não nos conduzirá a coisa alguma, quaisquer que sejam o objeto e as aparências.

Sendo assim os juízos não podem ser precisos, pois não existe uma única verdade universal que levaria a todos terem o mesmo juízo sobre o mesmo objeto, e mais, os juízos flutam ao sabor dos ventos como menciona Montaigne.

Para a análise dos juízos, o interesse, ou os objetivos da pessoa serão considerados fatores preponderantes, pois afetam diretamente a construção dos juízos. Entende-se interesse como: curiosidade, orgulho, ambição, desejo, vício, paixão, condições de saúde, manutenção de costumes, entre outros. São, segundo Montaigne (1972, p. 229), critérios incertos e que causam juízos duvidosos.

O ser Manuelzão pode ser dividido em dois. Um ser, antes de se estabelecer na Samarra, a fazenda em que se tornou chefe. Outro ser, depois disto. Procurarse-à, a partir disso, demonstrar a inconstância do ser Manuelzão, de suas ações e de seus juízos.

Sobre este tema, Montaigne (1972, p. 163) inicia seu ensaio, *Da incoerência de nossas ações*, citando que:

Os que se dedicam à crítica das ações humanas jamais se sentem tão embaraçados como quando procuram agrupar e harmonizar sob uma mesma luz todos os atos dos homens, pois estes se contradizem comumente e a tal ponto que não parecem provir de um mesmo indivíduo.

Manuelzão não foge à regra. Antes da Samarra, era um homem em busca de uma vida que julgava ser melhor do que a de seus pais, uma vida abastada, em que seria alguém superior, não um simples empregado. Mas, para conseguir isso trabalharia sem descanso, e como empregado, a vida toda. Apenas aquele objetivo lhe era importante e, com o intuito de buscá-lo, negou-se a constituir família.

Depois de instalado na Samarra, e ainda mais acentuado durante o período da festa, Manuelzão é outro em diversos aspectos. Sente falta de algo, questiona o seu passado, presente e futuro. Nessa fase da vida, não tem aquela mesma força de trabalho maquinal que o conduzia sem titubear. Ele reflete sobre si mesmo e o mundo em volta. Atingiu, de certa maneira, seus objetivos principais na vida, ter posses, dinheiro, poder e glória. Sentia-se, muitas vezes, como o dono da região, mas tinha plena consciência, e o povo da região também, que o lugar não lhe pertencia. Entretanto o dono quase não aparecia e isso lhe fazia sentir-se dono em muitas ocasiões. E, Manuelzão tomava conta da área como se fosse o dono. Manuelzão era o chefe, agia como tal e se orgulhava.

A inconstância do ser de Manuelzão pode ser evidenciada claramente nos dois parágrafos anteriores. No primeiro parágrafo Manuelzão busca alcançar certos objetivos e para isso é trabalhador incansável e não quer constituir família. No

segundo parágrafo, Manuelzão depois de instalado na Samarra possui outros objetivos, quer constituir uma família, sente falta de mulher, já não é o mesmo homem, revê diversos julgamentos. Alguns desses julgamentos serão analisados ao longo desse estudo.

Mesmo em relação, a apenas, o primeiro Manuelzão, aquele da vida errante, pode-se dizer que era um ser inconstante. Ele possuía em mente a regra de não namorar ou casar, ou melhor, não se dar ao desfrute de prazeres, para que isso não atrapalhasse seus objetivos maiores. Entretanto, Manuelzão teve relações com uma mulher e esta lhe gerou um filho. É mais um exemplo de um ser inconstante e de ações inconstantes. Os julgamentos, dessa maneira, flutuavam ao vento do momento, como citou Montaigne.

Pode-se depreender do Manuelzão da Samarra um homem dúbio em relação à posse da propriedade. Ele trabalha como se fosse o dono, age como dono, entretanto não é o dono e, em algumas ocasiões, isto lhe vem à mente e o deprime. Em uma passagem do conto Manuelzão se imagina deixando a Samarra e chega à conclusão de que não possui praticamente nada. Suas posses não comprariam nem uma pequena área para viver. É um ser em desequilíbrio com seus julgamentos. É um ser inconstante e de juízos que se contradizem.

Manuelzão julga os outros por aquela visão de que o importante na vida é a riqueza, os bens, a prosperidade de modo geral, porém ele mesmo não alcançou a prosperidade. Mais adiante serão analisados os julgamentos dessa natureza, ou seja aqueles juízos que emitiu com os objetivos citados. São juízos emitidos sobre pessoas como seu pai, filho e colegas de trabalho.

O conto, *Uma História de Amor*, inicia sua narração com o personagem Manuelzão já estabelecido na Samarra. Ele constrói uma capela e prepara uma festa, a *Festa de Manuelzão*. Desse modo é o segundo Manuelzão que será exposto na estória, sendo que o primeiro será conhecido pelo segundo.

Este Manuelzão era o homem que estava à frente da fazenda, esta posição tem um peso enorme em seus julgamentos e ações, pois, “Ali na samarra ele era o chefe [...] Sua laia de chefe não o consentia. Ele tinha de ser sério severo nos exemplos” (ROSA, 1994, p. 544). Era o costume, algo que todos esperavam do chefe. Julga-se pelo que já é de senso comum, sem discussões.

Os costumes, como já dito na introdução desse estudo, serão critérios para diversos juízos emitidos por Manuelzão e outros personagens de *Uma Estória de*

Amor. Montaigne (1972, p. 254) declara sobre os costumes que: “Cada qual fortalece e consolida a crença aceita com seus próprios argumentos [...] E, assim, enche-se o mundo de mentiras e estultícias”. As crenças são construídas sobre bases antigas e cada crença possui a sua verdade, os seus critérios. Sendo de senso comum, esses critérios são aceitos e perpetuados. Os juízos que Manuelzão emite com este critério referenciado em costumes serão analisados mais adiante. São juízos sobre personagens, dentre eles Camilo, Joana Xaviel, João Urugem e outros.

Manuelzão é um homem que busca a glória, e esta busca faz com que ele emita juízos incertos, conforme o conceito de glória de Michel de Montaigne (1972, p. 292):

Há não sei que doçura natural em sentir que nos louvam. Mas damos demasiada importância a isto [...] “Quem pode ser sensível à lisonja e temer a calúnia, senão o desonesto ou o mentiroso” Eis por que todos os juízos que assentam nas aparências exteriores são eminentemente incertos e duvidosos, e ninguém tem mais fiel testemunha de si do que a própria consciência

Manuelzão busca a valorização de sua pessoa, quer ser reconhecido e elogiado pelos que estão ao seu redor. Este objetivo de Manuelzão pode ser verificado em diversos trechos da narrativa. Alguns juízos afetados por esta busca da glória são: uma família não seria boa para ele, e que prazeres deveriam ser desprezados. A análise destes juízos será realizada mais adiante. Manuelzão pensava que para atingir a glória deveria se abster de prazeres e de uma família. Além disso, Manuelzão julga ao pai e ao filho por estes critérios, são vistos como pessoas, entre outras coisas, fracas, sem iniciativa. Muitos outros julgamentos também sofrem a influência da busca da glória, como o que ele emite sobre os já citados Camilo, Joana Xaviel e João Urugem. Manuelzão procura a aprovação pública, procura a glória, e com base em costumes e valores populares, julga e age.

O narrador caracteriza muito bem o personagem, já bem no início do conto, como alguém que quer deixar clara a sua posição de superior perante aos moradores do local. Impondo-se como superior, Manuelzão procura o reconhecimento de sua pessoa. Pretende fazer-se conhecido pelo seu nome e pelas proezas que realizou, entre elas, a capela, a fazenda e a própria festa. Segue excerto do conto que demonstra isso (ROSA, 1994 p. 544):

Manuelzão, ali perante, vigiava [...] Alto, no alto animal, ele sobrelevava a capelinha. Seu chapéu-de-couro, que era o mais vistoso, na redondeza, o mais vasto. Com tanto sol, e conservava vestido o estreito jaleco, cor de onça-parda. Esquecia-se. “Manuel Jesus Rodrigues” – MANUELZÃO J. RORIZ -: gostaria pudesse ter escrito também, debaixo do título da Santa, naquelas bonitas letras azuis

Verifica-se claramente a busca de Manuelzão pela elevação de seu nome, tem a ambição de vê-lo, em letras maiúsculas, “MANUELZÃO J. RORIZ”, no topo da capela. Além disso, Manuelzão é caracterizado como alguém que está acima do lugar e, conseqüentemente, das pessoas do lugar, pela postura e pelas roupas que usava. Outros exemplos sobre a busca da glória podem ser citados, como a admiração que Manuelzão demonstrava em relação às pessoas ricas, os donos de grandes propriedades, e o desprezo que tinha por trabalhadores que aceitavam a condição de subordinados e não possuíam bens.

Manuelzão queria parecer. Se não podia ser, queria ao menos, parecer alguém importante. Sendo alguns juízos emitidos por critérios de aparência, revelando-se desta maneira como juízos duvidosos. São os juízos já citados, que tem o objetivo de manter as aparências, manter os costumes, juízos com o intento de aprovação da população e, por isso mesmo, incertos, segundo Montaigne.

Depois de aceitar a proposta de Federico Freyre, de estruturar a Samarra, prepará-la para a criação de gado, com currais, pátios, casa e todo o necessário para esta empresa, Manuelzão sentiu que algo lhe faltava. Uma família. Lembou-se do filho e o trouxe para a Samarra, junto, a mulher, sete filhos e um cunhado do filho.

E ele mesmo, nas entradas se louvou de ter conseguido reunir para si aquela família de tardezinha. Estivesse, naquela hora, denunciando cabeceira de velhice? Não pensava. Nem agora chegava a mudar de parecer, do que tinha feito não se arrependia. Essas coisas ocorrem nuns escuros, é custoso se saber se a gente deve se aprovar ou confessar um arrependimento: nos caroços daquele angu, tudo tão misturado, o ruim e o bom. Mas ele não punha em pé o pesar. Estavam de bem [...] se carece de esperar o costume, para o homem e para o boi (ROSA, 1994, p. 548)

Pode-se observar no excerto que Manuelzão tenta desvendar seu passado, reflete sobre as atitudes que tomou, sobre os juízos e, principalmente, sobre a decisão de abandonar o filho. Esta decisão decorreu de um julgamento. Manuelzão julgou que deveria abandoná-lo e seguir em frente, trabalhando como vaqueiro, levando gado por longas distâncias. Este foi um juízo que, naquele momento, era indiscutível e que acarretou uma decisão muito séria e com sérias conseqüências.

Este juízo, agora, em outra etapa da vida de Manuelzão, é questionado, e ainda o será em outros episódios da história e em situações diferentes.

O juízo que gerou a decisão de abandonar o filho é resultado de uma escolha, que seguiu certos critérios como a independência, conquista de bens, poder, ou glória. Manuelzão agora em outra etapa da vida possui outro juízo sobre a decisão de abandonar a família. Isto prova que o juízo foi incerto, pois se alterou ao longo do tempo. Segundo Montaigne, os juízos são emitidos sem que se tenha uma referência absoluta, são resultado das circunstâncias do momento, impulsos, desejos, paixões, vícios e outros. Buscava por uma vida diferente da que seu pai teve, uma vida de mais conforto, riqueza e reconhecimento, para tanto não poderia se prender e arcar com a responsabilidade de ter uma família. Mas agora, já perto do fim da vida, não possui bens e posses, e busca o que negou, uma família. O que antes não era visto como importante para Manuelzão, agora passa a ter um juízo de valor maior. Os critérios mudaram, a verdade agora é outra.

Julgava que o trabalho e os colegas lhe bastavam, mas agora já não lhe são suficientes. As ações de Manuelzão foram guiadas por esse julgamento em diversos episódios de sua vida. Julgava a conduta de colegas que se deixavam levar pelos namoricos ou prazeres do casamento, como uma fraqueza. Esse é o caso de um colega e amigo que o acompanhava há muitos anos. Ele casou e formou uma família. Depois passou a ser um subordinado de Manuelzão na Samarra. Manuelzão deixa transparecer durante a narrativa que atribuí como causa do amigo ser agora seu empregado, o fato de ter se casado. Porém, também pode ser observado, que no período de festa, há um momento em que Manuelzão ouve a conversa de colegas de trabalho que falam sobre o enfraquecimento da força de trabalho pela ação do tempo e o consolo de ter mulher e filhos para qual recorrer. Não é explícito, mas o leitor pode imaginar Manuelzão revendo seus juízos e atitudes do passado e sua condição presente, estando com idade avançada, saúde com sinais de debilidade, e sem uma família que ele realmente ame e lhe queira bem lhe esperando, lembrando-se que a família que ele reuniu ainda não é sentida como tal.

O filho, Adelço foi julgado severamente por Manuelzão. Este imaginava Adelço como uma pessoa diferente. Observe o excerto:

criatura de guardadas palavras e olhares baixos. Mas não enganava a Manuelzão: era mesquinho e fornecido maldoso, um homem esperando para ser ruim. Só punha toda estima em sua mulher e nos filhinhos, das outras pessoas tinha uma raiva surdada. Sempre aquela miúda dureza, sem teta de piedade nenhuma. [...] Sua culpa. Se então mais valesse o rejeitar outra vez e enxotar para os passados (ROSA, 1994, p. 549)

Manuelzão julga Adelço como alguém traiçoeiro, maldoso. Mas também reconhece que Adelço é bom para mulher e filhos, também muito trabalhador, “Adelço era mouro trabalhador, de aferro” (ROSA, 1994, p. 549). Ele chega quase ao ponto de detestar o filho. Porém quais são os critérios desse julgamento? Pela própria declaração de Manuelzão, percebe-se que Adelço é bom pai, bom marido e um homem trabalhador. Desse modo poderia ser julgado pelas qualidades e não pelos supostos defeitos. O juízo que Manuelzão faz de Adelço não possui critérios coerentes e sustentáveis, pois se contradizem. Escolheu julgar daquela maneira, sem uma base de verdade absoluta, pois esta não existe, segundo os ensaios de Montaigne que tratam do tema. Seguem algumas hipóteses para o motivo dos juízos negativos de Manuelzão sobre o filho Adelço: ciúme de Leonísia, mulher de Adelço; Inveja de Adelço por ter mulher e filhos tão lindos; Adelço se parece com o avô, também criticado por Manuelzão, por ser homem que trabalha sob os mandos de outro, cabeça baixa, sem possuir bens e que constituiu uma família.

O excerto que virá em seguida, retirado de Montaigne (1972, p. 229), serve para fundamentar o que venho tentando demonstrar nas análises anteriores e nas que virão. Manuelzão como uma vítima da inconstância, um ser humano que julga de modo incoerente, gerando muitas vezes decisões devastadoras para si próprio e para os outros.

Somos vítimas da inconstância, da irresolução, da incerteza, do luto, da superstição, da preocupação com o futuro, inclusive o de depois da morte, da ambição, da avareza, do ciúme, da inveja, dos apetites desregrados e insopitáveis, da guerra, da mentira, da deslealdade, da intriga, da curiosidade. Pagamos pois bem caro a tão decantada razão de que nos jactamos, e a faculdade de julgar e conhecer, se a alcançamos, é à custa do número infinito de paixões que nos assaltam sem cessar.

Montaigne escreve sobre os malefícios que a razão traz ao homem. E afirma que o julgar é fruto de um número infinito de paixões e incertezas. Os juízos analisados até agora se encaixam nessa afirmativa de Montaigne. São juízos guiados pelos mais diversos tipos de paixões. O juízo que levou ao abandono do filho, levou a trabalhar errante pelo mundo, levou a se assentar na Samarra, levou a

construir a capela e a promover a festa, o juízo de que o trabalho duro é indispensável e é a coisa de maior valor na vida em detrimento de outros valores, como a constituição de uma família. Todos os juízos são inconstantes, pois são escolhas movidas por paixões, desejos, impulsos, etc. Como acontece no próximo juízo a ser analisado.

A opinião do povo do lugar era importante, Manuelzão tinha que manter aquela imagem de chefe severo e correto, conforme os costumes. Disso decorreu o juízo de que a união entre Camilo e Joana Xaviel não era adequada, o que levou à decisão de separá-los. Desse modo, segundo Montaigne, os juízos de Manuelzão seriam incoerentes, pois, julgou com o intuito de preservar os costumes, com isso obteria o reconhecimento das pessoas e a glória. Não são critérios sustentáveis, pois, segundo Montaigne os costumes possuem bases frágeis. “Investigai os motivos que no início deram impulso a essa torrente de leis e costumes, hoje considerável e cheio de dignidade, temor e veneração”. Os costumes por eles mesmos não são base sólida para julgamentos, pois foram concebidos por meio de critérios duvidosos, incertos. Montaigne fornece alguns exemplos, como de conduta de alguns filósofos. Um deles, Metrocles, que em meio a uma oratória, flatula. Envergonhado ele se isola. Eis que outro filósofo, Crates, indo visitar Metrocles, flatula também, em meio a uma oratória, e acaba com os escrúpulos. Crates cria outro costume no momento em que repete o ato. Isso pode demonstrar que costumes não são bases para juízos acertados (MONTAIGNE, 1972, p. 274).

Camilo era mendigo, ex-escravo e vivia das migalhas que lhe davam. Apesar disso Camilo também é retratado como um senhor que possuía uma imagem que pedia respeito, pela idade e pelos modos. “Era digno e tímido. Olhava para as mãos dos outros, como quem espera comida ou pancada. Mas às vezes a gente fitava nele e tinha a vontade de tomar-lhe a benção” (ROSA, 1994, p. 551).

Joana Xaviel também vivia dos favores do povo da região, ou seja, não trabalhava. A população não admitia a união dos dois, pois, como foi dito eram mendigos, e devido aos costumes não poderiam viver na cenvergonhisce, que é como classificaram a união.

A separação foi solicitada e Manuelzão a executou. Julgamento resultante da manutenção das aparências, os padrões de comportamento, que causaram a separação de um casal que era feliz e vivia bem, sem prejudicar ninguém. Foi um julgamento acertado? Um julgamento pelas aparências? Segundo Montaigne, o

juízo construído com o critério de aparência está fadado ao erro, pois são incertos e duvidosos. Quem julga pela aparência espera ser louvado e quem é sensível à lisonja e teme a calúnia é pessoa desonesta e mentirosa, desse modo todos os juízos assentados na aparência exterior são duvidosos (MONTAIGNE, 1972, p. 292).

Manuelzão questiona mais uma vez seus julgamentos e enxerga o outro lado. Percebe que o motivo, ou seja, a base, os critérios do julgamento foram incertos.

A decência da sociedade era não se deixasse, os dois sendo pobres miseráveis, ficarem inventando aquela vida. Regra as bostas. Mas, ele, Manuelzão, era que podia maezar? Podia socorrer de sim um caso desses, tão diverso? Mais triste que triste, triste. Tinha lá culpa?! Todos não viviam falando contra, depondo que aquilo era uma estória feia, que apropriava escândalo? (ROSA, 1994, p. 593)

Manuelzão percebe que agiu mal, diz “regra às bostas”. Entretanto diz não se culpar, pois todos esperavam isso dele, mesmo Leonísia e sua mãe, pessoas tão caridosas. Era uma espécie de lei. Como pode ser verificado no ensaio *Apologia de Raymond Sebond*, de Montaigne, Manuelzão age e julga de acordo com os costumes, as leis, sem discutir, são juízos decorrentes da escolha de se manter a tradição, conforme pode ser verificado do excerto: “Manuelzão, não se dava a culpa do que o outro vinha suportando. À lei, não tinha procedido por embirra, por ruindade. Mas a gente quase somente faz o que a bobagem do mundo quer” (ROSA, 1994, p. 596). Manuelzão reconhece os critérios duvidosos que o fizeram tomar o juízo causador da separação de Camilo e Joana, e afirma a incerteza das regras quando profere a frase “regra às bostas”.

O título do conto aparece em trecho da narrativa, muito próximo deste relatado, quando Manuelzão se pergunta por qual motivo Camilo estaria soturno: “Seo Camilo, está mal com alguém? Sendo de soer: os agastamentos com a Joana Xaviel – uma estória de amor. A graça!”. Demonstra-se muito bem a flutuação dos julgamentos de Manuelzão, ora concorda, ora discorda do julgamento que acarretou na separação de Camilo e Joana. Na citação destacada, Manuelzão debocha da união entre eles.

O velho Camilo e a Joana Xaviel eram contadores de histórias – novo julgamento por parte de Manuelzão e do povo – todos adoravam as histórias contadas por Camilo e Joana Xaviel, e mais, eram histórias com um real poder de transformação.

Joana Xaviel, quando contava os causos transformava-se, a imagem que se fazia dela era outra, ganhava contornos respeitáveis, esplendorosos. Esta transformação leva à ideia de inconstância do ser, conforme Montaigne o define. Joana será analisada por este prisma. Leia o excerto seguinte, que expressa a metamorfose de Joana Xaviel:

Joana Xaviel fogueava um entusiasmo. Uma valia, que ninguém governava, tomava conta dela, às tantas [...] Joana Xaviel virava outra. No clarão da lamparina, tinha horas em que ela estava vestida de ricos trajes, a cara demudava, desatava os traços, antecipava as belezas, ficava semblante. Homem se distraía, airado, do abarcável do vulto – dela aquela: que era uma capioa barranqueira, grossa roxa, demão um ressalto de papo no pescoço [...] sem trato (ROSA, 1994, p. 561)

Pode-se verificar como Joana, uma mendiga, pessoa que vive de favores e doações, marginalizada pelo povo do local, ganha forma de mulher desejada e “brilhante”. Joana é outra. Joana deixa de ser aquela mulher sem valor. Ela se entusiasma durante o contar das histórias, seus gestos se alteram, sua postura é de alguém de grande valor e sabedoria, alguém que merece ser ouvida e admirada, tanto no conteúdo quanto na forma. O papo do pescoço desaparece, os trajes ganham luxo, o rosto e todo o resto do corpo se embelezam. É um ser inconstante, ora é uma marginalizada, considerada inútil, ora é alguém que, como muita competência se impõe perante a sociedade, e é reconhecida e desejada por isso. Os juízos que fazem dela podem ser tidos como inconstantes, pois a julgam ora como algo inútil, ora como importante. Afinal quem é Joana Xaviel. Ela é as duas coisas e é julgada duplamente.

Outro juízo que se faz de Joana Xaviel é em relação à sua personalidade. É tida pelas pessoas como uma pessoa má, capaz de matar. É um juízo infundado, incoerente, incerto, pois foi construído, por motivos de ciúmes, pelo verendeiro com quem Joana vivia, segundo consta no conto de Guimarães Rosa (1994, p. 566): “Todo mundo dizendo que Joana Xaviel causava ruindades [...] Culpavam que matara o verendeiro, de longe, só por mão de praga de ódio [...] o verendeiro tinha ficado era com emburrância, com ciúme, levantou o falso...”. Juízos, mais uma vez gerados por critérios infundados, e aceitos como verdadeiros pela sociedade. Talvez este juízo tenha ganhado fama devido às aparências, a aparência de Joana Xaviel, pessoa sem trato, rude. É mais um critério incerto, sobre cujo qual Montaigne tece várias considerações. A aparência é inconstante. Não é a mesma, sempre. Depende

de quem vê e das circunstâncias em que o objeto é visto, pois “quem julga pelas aparências julga por outra coisa que não o próprio objeto” (1972, p. 281). Além disso, o juízo da aparência é afetado pela cultura, o que é belo para uma cultura, não o é para outra, e vice-versa, sendo que a cultura envolve os costumes, já considerados anteriormente como critérios incertos.

Dentre as histórias que contava, Joana Xaviel contou a história da Destemida, mulher de um vaqueiro que queria comer a cumбуquinha. Esta, uma vaca, amada pelo dono da fazenda, que pediu ao vaqueiro que a protegesse. Destemida convenceu o marido a matar a cumбуquinha. A mãe do dono da fazenda descobre. Destemida a assassina e sai ilesa do caso. A história acaba com a Destemida livre e rica. “A história acabava aí, de repente com o mal não tendo castigo, a Destemida graduada de rica” (ROSA, 1994, p. 565). Todos estranham o fim da história, e não admitem que ela não tenha sido castigada. Deveria haver outro fim, e ele deveria ser contado. Este caso contado por Joana Xaviel resulta na isenção de juízos. Destemida não é julgada. O não julgamento de um crime pode levar ao juízo de que o crime pode ocorrer e o criminoso sair ileso. Vai contra os juízos de valor sedimentados. E demonstra-se assim a inconstância, mais uma vez, dos juízos. Qual o critério para se julgar um criminoso? Possui uma base absoluta e verdadeira? Montaigne discorre sobre as leis. Diz-nos que a autoridade da lei se ganha pelo costume. Como já foi visto, o costume não é um critério sustentável para julgamentos, sendo assim, as leis também não o são (MONTAIGNE, 1972, p. 274).

Além disso, este caso contado por Joana Xaviel bem como as reflexões que se faz em relação a ele, remetem à metalinguagem do conto. Questiona-se como os contos são originados, de onde surgiu aquela história, quem a começou e quem saberia o fim. Joana Xaviel pode ter excluído o fim para que a história transmitisse o que ela desejava, pois é diferente daquelas tradicionais que se passa de geração em geração. Joana, ao omitir o julgamento, poderia estar tentando, desse modo, criar um juízo diferente do comum para a situação da história, julgaria desse modo que o criminoso nem sempre merece ser castigado. Mas, isto é apenas uma suposição.

A incerteza dos juízos pode ser confirmada em caso inverso do caso da Destemida. É a história do João Urugem (1994, p. 553) que foi acusado de um furto que não cometera. Depois disso, fugiu, isolou-se em um pé de serra e passou a viver como bicho. João Urugem esperava que o novo chefe da Samarra, Manuelzão,

iria reconhecer o erro publicamente e assim João Urugem poderia voltar a viver em sociedade. Isto nunca aconteceu.

João Urugem guardava raiva antiga de todo o povo dos lugares do Baixio, por conta do falso que contra ele tinham em outro tempo acusado; mas Manuelzão era de fora, estava fazendo fazenda, o Urugem achava que ele ia mudar tudo por lá, e castigar os outros. Sandice. Quem castiga nem é Deus, é os avessos (1994, p. 572).

Os critérios para que se tomasse esse juízo em relação à Urugem não são apresentados no conto. Entretanto juízos foram feitos pelas pessoas da região e um homem foi prejudicado por isso indevidamente. Manuelzão atendeu às acusações e banuiu João Urugem. Juízos incertos e duvidosos que são tomados como verdade. Depois o povo absolveu Urugem, ou seja, lhe julgaram novamente, agora como inocente. Isto pode ser evidenciado no seguinte excerto (1994, p. 572):

O certo, de cristão, havia de ser terem ido pegar aquele, no cujo mato, no pé-de-serra, logo depois que se decidiu que ele mesmo de nada era que não tinha sido o furtador. Ir buscar o João Urugem, dar banho nele, raspar os cabelos, cortar as unhas das mãos e dos pés, tratar direito, dar preceito...O lugar carecia de progressos [...] Criaturas feito o João Urugem, não podia mais haver, era até demoniamento.

Aqui se observa a absolvição de Urugem. É emblemático o uso da palavra “decidiu”, para explicar como o povo absolveu-o, pode ser compreendido como uma questão de escolha, pois se decide algo sem se apresentar os critérios para a tomada das decisões. Parece ter sido uma decisão muito arbitrária. Neste caso não parece ter havido critérios, mas, mesmo que houvesse, os juízos não deixariam de ser escolhas, ou seja, não seriam juízos absolutos em pró de uma verdade única, conforme nos apresenta Montaigne.

Além disso, observa-se o julgamento que Manuelzão faz em relação à figura de Urugem, devido este viver de maneira diferente, sem os cuidados e aparência que os costumes locais exigem. Julga-o como uma criatura que poderia ser até demoníaca. Não julga Urugem como homem que foi banido e não conseguiu mais se adaptar à sociedade, sendo que isso poderia ser um dos critérios para julgá-lo. O critério adotado foi o da aparência e critérios religiosos, pois Manuelzão cita a palavra “cristão” e “demoniamento”. João Urugem é classificado por Manuelzão como algo que atrasa o lugar, pois diz que o progresso é necessário. São mais alguns exemplos dos juízos incertos, sendo nesse caso, adotados critérios guiados

pelos costumes e religião, ou seja, critérios não sustentáveis, como já foi enunciado por Montaigne em seus ensaios.

O velho Camilo conta a história do boi bonito, o último caso dentro do conto e, talvez, o mais importante. Manuelzão e o resto do povo ouvem a história. Todos fazem silêncio e dão toda a atenção àquele mesmo mendigo que era tão marginalizado. Agora Camilo é o centro das atenções, o personagem mais importante. Como ocorreu com Joana Xaviel, um ser inconstante, ocorreu com Camilo. Eles sofre uma metamorfose. Deixa de ser um coitado e passa a ser um homem que merece respeito e admiração. Daí a inconstância do ser, tema que Montaigne aborda em seus ensaios, e pode ser considerado como causa dos juízos incertos.

Manuelzão ouvindo a história desprende-se das dúvidas que tanto o incomodavam. O peso que sentia deixou de existir, ganhou força e coragem para prosseguir na viagem do dia seguinte: mais um transporte de gado. Percebeu Adelço como um filho verdadeiro e passou a gostar dele, alterou seu julgamento. Se reconciliou com todos e consigo mesmo. Encontrou o seu papel no mundo, um vaqueiro viajante, mas agora, possuidor de uma família que iria estar lá quando voltasse. Manuelzão é um ser inconstante com juízos inconstantes. Diversos juízos de Manuelzão se alteraram no momento da história citado. Juízos em relação à sua própria pessoa, pois sentiu-se feliz com sua condição. O juízo em relação ao Adelço passou a ser positivo. Deixou de julgar a viagem de trabalho como algo árduo e voltou a valorizar este trabalho e se aprazir-se dele.

Além de tudo, pode-se interpretar que a história do boi bonito demonstra a Manuelzão de que o importante é a busca, o caminho que se trilha na vida, a vida em si e não o objetivo ou os objetos que se quer encontrar. Entre esses objetivos, a glória. Se o objeto de procura de Manuelzão se altera, o ser Manuelzão se altera, e seus juízos também. Montaigne cita que julgamos pelas circunstâncias do momento, as circunstâncias se alteram, alteram-se os julgamentos. O boi foi perseguido, muitos morreram na perseguição. Depois de capturado, ele foi solto com o consentimento de todos os envolvidos na empresa. O objetivo não era ter a posse do touro, mas o desafio de dominá-lo. O touro, como símbolo da vida, da felicidade a busca de algo, talvez a busca do controle sobre os próprios impulsos, paixões, curiosidade e tudo aquilo que Montaigne diz ser causa da intemperança humana (MONTAIGNE, 1972, p. 229). O boi dominado poderia assim simbolizar uma vida

mais simples, resignada, tranquila, a vida do pai e do filho de Manuelzão. Pois, como afirmou Montaigne (p. 234): “A simplicidade torna a existência mais agradável e a alma mais pura e melhor”. Estes simbolizam os que não buscam a glória, mas, os que vivem a vida em família, divertem-se e contentam-se com o que tem.

Manuelzão durante todo o conto reclama de dores em um de seus pés. Uma dor que o persegue. Pode-se notar que a dor ora é mais intensa, ora menos intensa. A intensidade da dor corresponde aos juízos mais ou menos intensos que Manuelzão exerce. Este fenômeno encaixa-se perfeitamente nas teorias de Montaigne para a flutuação dos juízos por motivos de saúde. Para ele (1972, p. 265): “É certo que nossa compreensão, nosso julgamento e as faculdades de nossa alma sofrem de conformidade com o corpo e suas contínuas alterações”. Os julgamentos da mente são regulados conforme o estado do corpo. Pois, a saúde, o humor do julgador podem afetar diretamente os seus juízos. Observe a citação extraída de Rosa (1994, p. 554) em que Manuelzão sente a dor nos pés e emite um juízo: “de repente sentia a dor de uma ferroadada no machucado do pé, esbarrava no instante, sem querer se abaixar nem soltar meio-gemido. Avistava o Adelço [...] esse não dava préstimo de vir acomodar os hóspedes”. Apresenta uma situação em que Manuelzão sente uma forte dor no pé e, logo em seguida, lembra-se do filho e o julga negativamente, de modo intenso e severo. É um exemplo da fragilidade e flutuação dos julgamentos influenciados pelo estado do corpo e da alma do julgador.

Manuelzão exerce um juízo de valor sobre um objeto, um casaco. Quando criança era o objeto sonhado por Manuelzão, mas não possuía dinheiro para comprá-lo, nem seu pai possuía condições suficientes para ter a posse do casaco. Mas, na época da festa, Manuelzão poderia comprá-lo, possuía dinheiro, entretanto não existiam mais aqueles casacos para serem comprados.

Desde menino, Manuelzão sempre curtira vontade de ter um casaco daqueles, mas que não era vestimenta para gente pobrezinha, nem o pai dele Manuelzão nunca tinha conseguido possuir um. Agora, que ele para isso conseguira dinheiro [...] o casaco não existia mais (ROSA, 1994, p. 555)

O critério para a valorização do casaco era a moda. Era um casaco almejado, pois era usado por quem possuía riqueza. Não era valorizado apenas pelo casaco em si. O valor foi engrandecido pela vontade de vestir-se como aqueles homens ricos, poderosos. Isso demonstra muito bem a questão da falta de critérios sustentáveis nesse julgamento, pois, na sua essência, o casaco não era melhor ou

pior do que outros, o critério é incerto. Poder-se-ia julgar o casaco por outros critérios que não o da moda ou status social. Talvez critérios de durabilidade, beleza, proteção, etc, ou seja, é um juízo incerto, segundo os pensamentos de Montaigne.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse estudo foi o de, por meio de ensaios de Michel de Montaigne, aplicar sua filosofia ao texto *Uma estória de amor*, um conto escrito por Guimarães Rosa. O foco principal era o de provar a falta de critérios sustentáveis, ou seja, a falta de base firme para a elaboração de juízos pelos personagens do conto. Provar que não existem critérios universais para os juízos, provar que eles são escolhas, que ora poderiam inclinar-se à esquerda, ora à direita, como cita Montaigne.

O objetivo poderia convergir para o objetivo de Montaigne, quando defende o livro de Raymond Sebond, o objetivo de “humilhar e espzinhar o orgulho e a arrogância do homem e de lhe fazer sentir sua inabilidade, sua vaidade, seu vazio, de lhe arrancar das mão as armas mesquinhas que lhe fornecem a razão”. Desse modo retira-se o véu que envolve o pensa-se saber o que é a certeza e a verdade. Debaixo do véu vê-se apenas contradição, costume, dúvida, impulso, paixão, vaidade, curiosidade e presunção. Qualidades que, para Montaigne, fazem do homem um ser atormentado. O homem busca, muitas vezes empregando o melhor de suas forças e mente, o que lhe é aparência, o que lhe é apenas desejo frívolo e dispensável.

Foi esse o trabalho que tentou se desenvolver aqui, o de revelar os juízos incertos que os personagens do conto exercem e que causam consequências muitas vezes desastrosas para os próprios e para outros. Além disso, revelar a inconstância dos julgamentos, pois eles se contradizem em muitos momentos, se prega uma coisa e se faz outra, se julga à direita, mas se toma o caminho da esquerda.

Manuelzão, como é o personagem principal, pois é o mais presente, e é a linha guia da história, acaba sendo o que mais foi analisado e o que possibilitou uma análise mais profunda, principalmente na questão dos atos e julgamentos contraditórios.

Manuelzão revelou-se um personagem, cujos juízos são guiados, essencialmente pela busca aquilo que Montaigne conceituou como glória. Manuelzão não se contenta com uma vida resignada e comum, ele busca a riqueza,

o poder e o reconhecimento. O contrário do pai e do filho, Adelço. Na busca desses “bens” abdicou do essencial, uma família.

Os juízos de Manuelzão acabaram se revelando como resultado de escolhas incertas. Provou-se que o próprio Manuelzão revê seus juízos do passado e verifica que poderiam ter sido outros, como por exemplo, no juízo que acarreta a decisão de não constituir uma família, possuir uma esposa e um filho. Depois, em idade já avançada possui outro juízo, procura formar a família que negou.

Mas a falta de critérios sustentáveis para os juízos de Manuelzão também se demonstram por fatos de menor importância como, por exemplo, o juízo na valorização de um casaco, o cavu, que deixa de ser fabricado para frustração de Manuelzão. O critério que ele utilizou foi o do status social que o cavu possibilitava no passado. Um critério incerto para um julgamento de valor.

Também, se demonstra a revisão de um juízo, aquele que causou a separação de Camilo e Joana Xaviel, esse sim, um juízo de maior peso e com consequências mais aterradoras. A decisão de impedir a união dos dois foi tomada por defesa de costume, aparências, por pressão popular, que são, segundo Montaigne, critérios insustentáveis. Manuelzão solta uma expressão emblemática “regra às bostas”. Desse modo contraria os juízos antecedentes.

Pessoas julgadas como marginais e inferiores, são reveladas neste conto, que trata da origem, força e beleza das narrativas, como pessoas que possuem o seu valor, que não é melhor ou pior dos demais. Camilo e Joana Xaviel são os contadores de tais casos, que divertem, e transformam a vida das pessoas. Casos que devolvem a esperança para que a vida continue. Desse modo juízos são modificados, seres se metamorfoseiam, revelando-se a inconstância dos seres e juízos.

João Urugem, condenado pelo crime que não cometeu. Um exemplo de como o juízo e a lei podem ser elaborados por meio de escolhas infundadas. Um cidadão que se perde por um julgamento impreciso.

Resumindo, provou-se, por meio do referencial teórico, ou seja, os textos de Michel de Montaigne, que os juízos presentes no texto *Uma história de amor* são incertos e duvidosos. Além disso, provou-se a inconstância do ser de personagens como Manuelzão, Joana Xaviel e Camilo. Seres inconstantes que praticam ações inconstantes, incoerentes.

O estudo proporcionou o Desvendamento alguns mistérios que compõe o conto, e ele pôde ser interpretado com uma profundidade maior. Para isso, as análises que envolveram o confronto entre a filosofia de Montaigne e o conto foram muito esclarecedoras, abriram novas janelas que forneceram mais luz para o entendimento do todo de *Uma história de amor*.

Ainda mais, houve o relacionamento da filosofia de Michel de Montaigne com a literatura, e isso se provou plausível e útil. Conceitos filosóficos foram aplicados á análise dos juízos e seres de personagens de ficção. Desse modo, valoriza-se a obra de ambos, do filósofo e do ficcionista. São obras essenciais, universais, que tratam das questões mais caras aos humanos, as questões existenciais.

REFERÊNCIAS

FANTINI, Marli. **Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4 .ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2001.

MONTAIGNE, Michel de. Ensaaios. In: **Os Pensadores**. 1. ed. São Paulo: Globo, 1972.

NUNES, Benedito. O autor quase de cor: lembranças filosóficas e literárias. In: **Cadernos de Literatura Brasileira: João Guimarães Rosa**, n. 20-21. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2006. p. 236-244.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa, em dois volumes: João Guimarães Rosa**. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim: (Corpo de baile)**. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SOUZA, Ronaldes de Melo e. **A saga rosiana do sertão**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.